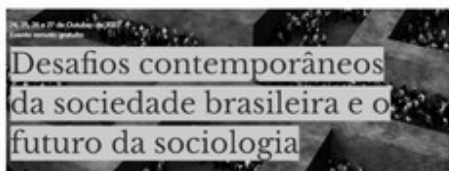


GT 03 – Trabalho, educação e sociedade

Historiografia e sociologia em Ibarê Dantas e o estudo da política em Sergipe

Francisco Emanuel Silva Meneses Alves
(GEPSET/PPGS/UFS)



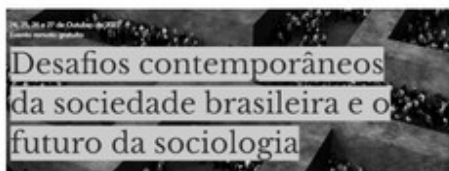
Historiografia e sociologia em Ibarê Dantas e o estudo da política em Sergipe

Francisco Emanuel Silva Meneses Alves

INTRODUÇÃO

José Ibarê Costa Dantas nasceu em 06 de dezembro de 1939, em Riachão do Dantas/SE. É casado com a antropóloga Maria Beatriz Góis Dantas. Professor aposentado pela UFS em 1994, cursou o primário no Educandário D. Bosco - Riachão do Dantas (SE) em 1951, o Ginásial no Ginásio Jackson de Figueiredo -Aracaju (SE), 1955, fez o curso Científico no Colégio Ipiranga - Salvador (BA), 1960, a Licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe - Aracaju(SE), em 1970 e o Mestrado em Ciências Sociais na Área de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP-Campinas/SP, 1982.

Com os doze livros até hoje publicados sobre Sergipe, construiu uma obra extensa e criteriosa (BARBOSA. 2020). São eles: O Tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930), de 1974; A Revolução de 1930 em Sergipe: Dos Tenentes aos Coronéis, de 1983; Coronelismo e Dominação, de 2019; Os Partidos Políticos em Sergipe (1889/1964), de 1989; A Tutela Militar em Sergipe (1964/1984): Partidos e Eleições num Estado Autoritário, de 1997; Eleições em Sergipe (1985/2000), de 2002; História de Sergipe: República (1889/2000), de 2004; Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909). O patriarca do Serra negra e a política oitocentista em Sergipe, de 2009; História da Casa de Sergipe: Os 100 anos do IHGSE 1912-2012, de 2012; Memórias de Família. O percurso de quatro fazendeiros, de 2013; Imprensa Operária em Sergipe (1891-1930), de 2016; Leandro Maynard Maciel na política do século XX, de 2017; e, Florentino Menezes. O Sociólogo Pioneiro (opúsculo), de 2009.



Apesar do interesse por política partidária, o historiador sergipano não participou ativamente de nenhum partido em toda a sua vida, porém teve contato e simpatia por alguns partidos, sendo eles o PT e PSDB. Foi importante também em sua carreira a participação no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) como presidente atuando como tal durante os anos de 2003 a 2010. Em suas palavras, torceu muito por Fernando Henrique Cardoso e por Marcelo Déda¹

Barbosa (2020) assinala que

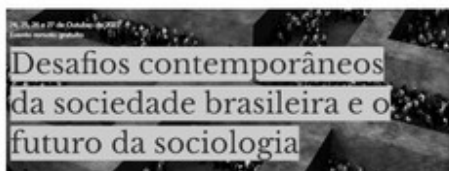
diferente de Silvio Romero e Tobias Barreto, autodidatas e reconhecidos precursores da sociologia brasileira no século dezenove, o professor Ibarê Dantas é o precursor das abordagens históricas, políticas e sociológicas operadas em Sergipe à luz de critérios empíricos e teóricos consagrados no campo da historiografia e das ciências sociais.

Em 1975, ingressou na UFS através de concurso de provas e títulos para lecionar Sociologia, dedicou-se ao estudo dos clássicos dessa ciência, assimilou seus referenciais teóricos e enriqueceu sua narrativa com categorias conceituais mais rigorosas e visão analítica ampliada. Ao mesmo tempo, crescia seu interesse pela Ciência Política, como interface da Sociologia. Em 1978, foi com a família para Campinas a fim de fazer o mestrado em Ciência Política na UNICAMP sob a orientação do professor Décio Saes (BARBOSA, 2020).

Durante décadas de trabalho dedicados à UFS, contribuiu publicando livros que hoje são referências para entendermos as sociedades, brasileira e sergipana. Enquanto produção intelectual os estudos de Ibarê Dantas sobre política em Sergipe constituem relevante contribuição ao pensamento social brasileiro em seu trânsito da historiografia política à sociologia política até a biografia no que tange à análise de fenômenos sociológicos como coronelismo, partidos políticos, eleições, tutela militar e análises das biografias de nomes relevantes da história política de Sergipe, como Leandro Maciel (Ribeiro de Siqueira e Maynard). Sobre isso Nascimento (2012a) acrescenta que,

Ibarê trabalhou com longos e curtos períodos históricos. Esses são os casos de Partidos Políticos em Sergipe, 75 anos; História de Sergipe, 111 anos; Leandro Maciel, oitenta e quatro anos; Eleições em Sergipe, quinze anos; O Tenentismo em Sergipe, seis anos; Revolução de 1930, um ano; A Tutela Militar, vinte

¹ Anotações de conversa com o autor no dia 11/05/2022.



anos; e Coronelismo, sem periodização explícita. Em síntese, foram quatro trabalhos com longa e curta duração, respectivamente. Escreveu Ibarê cerca de dezesseis artigos acadêmicos. O primeiro (não publicado) tratou da história política de Sergipe de 1889 até 1930 e o último, até agora, sobre o sociólogo e idealizador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Florentino Menezes. No caso dos artigos acadêmicos, foram explorados temas indo além da realidade sergipana. Os seus artigos para jornais foram, até aqui, em torno de dezessete. Isso mostra uma razoável participação de Ibarê no debate público sergipano sem tornar-se com isso, todavia, um intelectual midiático.

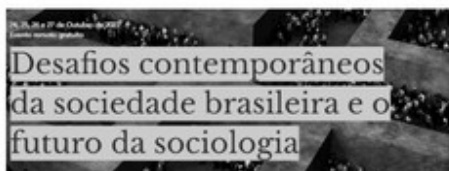
Neste sentido atento para a recepção e os usos da obra do autor no campo das ciências sociais brasileiras e como ele contribuiu, a partir de seus trabalhos construídos a partir dos horizontes teóricos e empíricos das ciências sociais e de suas atividades acadêmicas, para o desenvolvimento dessas ciências em Sergipe.

PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Qual a contribuição dos estudos de Sociologia Política de Ibarê Dantas, através de suas particularidades em termos de vinculação teórica nas ciências sociais brasileiras na segunda metade do século XX, ao pensamento social brasileiro e às ciências sociais em Sergipe?

O projeto de execução da pesquisa em questão visa compreender de que maneira a sociologia política de Ibarê Dantas, através de suas particularidades em termos de vinculação teórica nas ciências sociais brasileiras na segunda metade do século XX, contribuiu com o campo do pensamento social brasileiro. De maneira específica, visa: enumerar perspectivas acerca da obra de Ibarê Dantas; precisar as contribuições de seus livros e artigos à sociologia política brasileira, e descrever as contribuições do autor para a sociologia política brasileira considerando sua participação na consolidação institucional das ciências sociais em Sergipe.

Parto da hipótese de que os estudos de Sociologia Política de Ibarê Dantas, através de suas particularidades em termos de vinculação teórica nas ciências sociais brasileiras na segunda metade do século XX, apresentam contribuições ao pensamento social brasileiro e às ciências sociais em Sergipe. O percurso intelectual de Ibarê ilustra

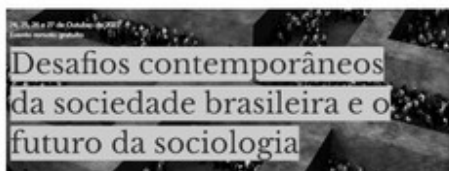


uma forma de operar a construção da reflexão sobre a sociedade sergipana, notadamente sociológica, que colaborou para o desenvolvimento teórico, metodológico e institucional desta ciência em Sergipe. Estudar sua obra é estudar a história da institucionalização das Ciências Sociais em Sergipe e estudando a história das Ciências Sociais “descobrimos através dela que estamos imersos numa comunidade que nos ultrapassa” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2016, p.68).

Para a consecução dos objetivos do trabalho, adoto uma perspectiva bibliográfica analítica e relacional. Procedo ao fichamento dos textos envolvidos no recorte desta pesquisa, bem como dos principais textos de história das Ciências Sociais em Sergipe e no Brasil que consideramos importantes para esse estudo. Consulto também materiais de apoio como entrevistas do autor, artigos de comentadores do autor e seus conceitos estudados, etc. com a finalidade de nortear a compreensão acerca de nosso objeto. Além disso, tenho feito um levantamento e posterior análise das entrevistas dadas pelo autor, dos artigos de livros e jornais sobre ele, bem como entrevistarei ele e outros intelectuais, seus ex-alunos e ex-alunas, acerca de sua obra.

Prioriza-se a compreensão sociológica do conhecimento e as dimensões políticas desse e da ciência, conforme (BARBOSA, 2019). A bibliografia utilizada perpassa a sociologia dos intelectuais, desde os clássicos Karl Mannheim (1976), e Michel Foucault (2011), até Adélia Miglievich (2015) no estudo da sociologia do conhecimento, que indaga de onde fala e quem fala. Nesse autor, que enquanto intelectual de estado, que transita da historiografia à sociologia política. Investigar sua relação com a sociedade sergipana, sobretudo com as elites. A política é o fio unificador da obra de Ibarê. Desde os fenômenos como coronelismo, dominação, partidos, eleições, autoritarismo, tutela militar, até biografia de personagens de relevo na política partidária em Sergipe, como os Leandros, o pai e o filho.

Para a consecução dos objetivos do trabalho, adotamos uma perspectiva bibliográfica analítica e relacional. Procede-se ao fichamento dos textos envolvidos no recorte desta pesquisa, bem como dos principais textos de história das Ciências Sociais



em Sergipe e no Brasil que consideramos importantes para esse estudo. Consulta-se também materiais de apoio como entrevistas do autor, artigos de comentadores do autor e seus conceitos estudados, etc. com a finalidade de nortear a compreensão acerca de nosso objeto. Além disso, faremos um levantamento e posterior análise das entrevistas dadas pelo autor, dos artigos de livros e jornais sobre ele, bem como entrevistaremos ele e outros intelectuais, seus ex-alunos e ex-alunas, acerca de sua obra.

Nossas variáveis são: Instituições e redes intelectuais; Temas e teorias; Ações e repercussões; Inovações teóricas e metodológicas; e Trabalhos e orientações. Conforme Barbosa (2015, p.7):

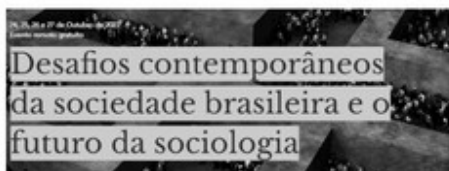
A abordagem do professor Randall Collins, Departamento de Sociologia da Universidade da Pensilvânia, incorpora novas questões a esse universo. A sua orientação, assim como na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, também privilegia dimensões não teóricas do processo de ideação, no entanto vai centrar sua base de dados nas relações de amizade, de transmissão e de conflito entre os grupos intelectuais. Assumindo a posição de que a verdade é uma questão de foro social ele arrola alguns mecanismos sociológicos que conformam escolas e estilos de pensamento.

Sendo que o ponto de partida de Randall Collins para compreender a dinâmica do campo e das ideações dos intelectuais são as redes através das quais sempre e em todo lugar se transmite e se transmitiu o saber científico e em especial, a doutrina filosófica (BARBOSA, 2015, p.8).

Partindo do pressuposto de que são as interações mediadas por rituais entre os intelectuais os elementos fundamentais para entender as redes intelectuais, a proposta de Collins se assenta em uma perspectiva que centra seu interesse em fontes diferentes das tradicionais (BARBOSA, 2015, p.16).

Considerando o fato de que Coronelismo e Dominação figura aqui como uma obra de transição entre esses dois momentos da obra que dividimos aqui à guisa de esboçar uma divisão didática dessa. A orientação metodológica de Collins, que usaremos para estudar a sociologia política de Ibarê Dantas pode assim ser resumida:

[...] reunir um grande número de informações históricas sobre algum âmbito da produção cultural (comunidade de filósofos, músicos, artistas etc.); classificar os



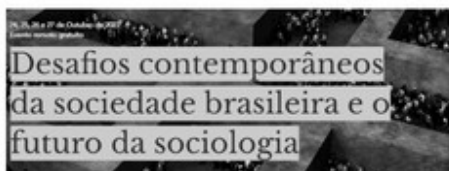
intelectuais de acordo com a quantidade de atenção que este tem recebido em fontes históricas posteriores uma vez que esse método histórico desvaloriza a interpretação pessoal da importância cultural (a importância de um filósofo só pode ser determinada quando a vasta rede que cobre várias gerações desenvolve certas correntes de ideias e as converte no centro de atenção que estrutura as oposições entre modos de pensamento rivais); Investigar as conexões pessoais entre os filósofos. Quem era o mestre e quem discípulos? Quem era amigo ou colega de quem, especialmente nos períodos iniciais, formativos, de suas respectivas carreiras? Quem era rival de quem, e quais pessoas sustentaram debates mediante declarações públicas, privadas ou por escrito? (BARBOSA, 2015, p.16).

MARCO TEÓRICO SOCIOLÓGICO PRELIMINAR

Indagando qual o lugar da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim no contexto da crítica contemporânea à ciência e quais os pressupostos teóricos e metodológicos de sua proposta de compreensão sociológica do conhecimento Barbosa (2019) apresenta as principais premissas utilizadas por Mannheim para compor um arcabouço que contribuiu para a compreensão do debate contemporâneo sobre as dimensões políticas do conhecimento e da ciência e suas dinâmicas históricas.

A partir dos anos 1920 do século XX, com Karl Mannheim, a análise sociológica do pensamento, das ideias científicas e do conhecimento, passa a ser objeto privilegiado de estudo de uma disciplina que surge no contexto alemão, chamada Sociologia do Conhecimento (*Wissenssoziologie*). Suas principais diretrizes estavam assentadas na percepção dos limites da objetividade e do conhecimento nas Ciências Sociais e na íntima relação entre pensamento e existência humana (BARBOSA, 2019, p.59).

As referências históricas fundamentais para o entendimento das questões precursoras que modelam o debate da Sociologia do Conhecimento são encontradas no iluminismo e no positivismo (BARBOSA, 2019, p.59). Os primeiros indícios dessa sociologia aparecem ainda no século XIX. O ponto de partida era o conceito de ideologia, que apresentava uma percepção da determinação social e existencial das crenças e sistemas de pensamento. A crítica preocupava-se em separar a “ciência pura” das concepções ideológicas (BARBOSA, 2019, p.60)..



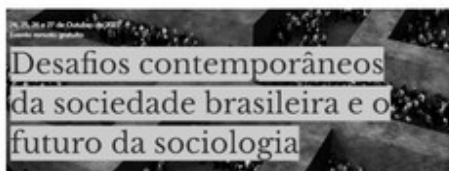
Em **A Ideologia Alemã**, Karl Marx e Friedrich Engels, já enfatizavam a pressuposição de que ao invés de se interpretar o pensamento como produto de relações concretas e materiais estabelecidos entre os homens, a ideologia (enquanto distorção) representa a vida material como produto do pensamento (BARBOSA, 2019, p.60). Segundo estes autores todos os conceitos são produtos da vida material e como tais estão umbilicalmente vinculados à classe que controla estes meios e se empenham na produção de representações mentais (BARBOSA, 2019, p.60).

Karl Marx e Friedrich Engels mantiveram os vínculos com o projeto iluminista (a primazia da razão e a universalidade do conhecimento), mas substituíram a crença de que a verdade seria possível através de conceitos abstratos e separados do contexto social e histórico, considerando-a baseada e fundamentada na realidade social e histórica. A partir disso eles evidenciam um axioma fundamental da Sociologia do Conhecimento: a determinação existencial e histórica do pensamento (BARBOSA, 2019, p.60).

No intento de uma sociologia do pensamento, Karl Mannheim invoca a dimensão filosófica do pensamento enquanto reflexo de certas relações sociais de conflito e de interesses (BARBOSA, 2019, p. 66). A principal preocupação de Mannheim é a análise da relação entre conhecimento e existência. Visa descobrir critérios capazes de determinar as inter-relações entre pensamento e ação e a relevância dos fatores não teóricos sobre o pensamento. Assim a sociologia do conhecimento é entendida como um desdobramento da teoria da ideologia (BARBOSA, 2019, p.73).

Outhwaite (1996, p.748) assinalam que a sociologia política “[...] tem se interessado primordialmente pelo estudo de partidos, sistemas eleitorais e comportamento do eleitor ao votar, movimentos sociais, liderança política e elites, burocracia, nacionalismo e formação de estados-nações, tipos de sistemas políticos e mudança política [...]”.

Foucault (2013) analisa alguns textos de Nietzsche, com a finalidade de provar a tese que o conhecimento foi inventado pelos homens, que existem relações de poder até na história da verdade. De acordo com o autor tudo que foi inventado pelo homem tem



por objetivo alguma forma de poder enquanto a dominação de uns sobre os outros. Assim, o conhecimento não é natural, ou seja, não faz parte da natureza humana, não diz respeito à essência do homem. Dessa forma, a religião, a história, a poesia, o ideal e o próprio conhecimento não teriam origens metafísicas anteriores aos homens, mas teriam sido inventados por eles.

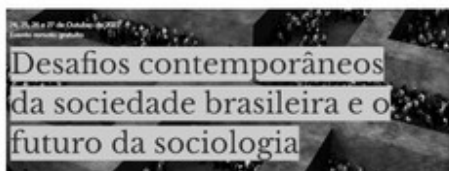
Segundo Foucault, se almejarmos realmente “conhecer o conhecimento” devemos nos aproximar não dos filósofos, mas dos políticos, querendo com isso dizer que se deve compreender quais são as relações de luta e de poder, porque o conhecimento é sempre uma relação estratégica em que o homem se encontra situado (FOUCAULT, 2013).

Já em Robert Merton, encontra-se uma exposição segura e didática da problemática e dos teóricos da Sociologia do Conhecimento, associada a uma preocupação de operacionalidade consubstanciada na elaboração de um paradigma para o estudo concreto do conhecimento (VELHO, BERTELLI e PALMEIRA, 1982, p.10).

Conforme a ideia Bourdiesiana só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo (um economista, um escritor, um artista etc.) se nos referirmos a posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos ‘de onde ele fala’ (BOURDIEU, 2004, p.23-24). Assim sendo, pela posição do professor Ibarê na UFS historicamente podemos nos servir de Bourdieu quando

As duas espécies de capital científico têm leis de acumulação diferentes: o capital científico "puro" adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólico, são o melhor indício); o capital científico da instituição se adquire, essencialmente, por estratégias políticas (específicas) que tem em comum o fato de todas exigirem *tempo* - participação em comissões, bancas (de teses, de concursos), colóquios mais ou menos convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões etc. -, de modo que é difícil dizer se, como o professor habitualmente os detentores, sua acumulação é o princípio (a título de compensação) ou o resultado de um menor êxito na acumulação da forma mais específica e mais legítima do capital científico (BOURDIEU, 2004, p.36).

A orientação de Randall Collins assim como na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim também privilegia dimensões não teóricas do processo de ideação,



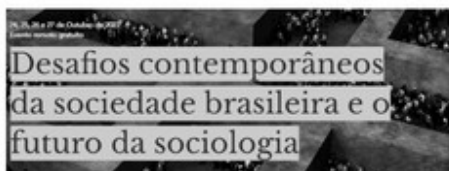
no entanto vai centrar sua base de dados nas relações de amizade, de transmissão e de conflito entre os grupos intelectuais (BARBOSA, 2015, p.2).

Collins oferece elementos para análise de como produzimos uma concepção compartilhada do que é uma estrutura social e quais sentidos possuem os símbolos, ideias e valores que incorporamos e reiteramos através dos diálogos, negociações e conversações estabelecidas permanentes com outros seres humanos. Estas transações se realizam mediante *interações ritualizadas* (IRs). Esta noção conduz o autor a designar a formação de uma realidade social em termos de cadeia de interações articuladas em redes, ou *Interaction Ritual Chains (IRC)* (BARBOSA, 2015, p.2-3).

A ênfase da análise parte da doutrina das determinantes existenciais do pensamento (Marx, Engels e Mannheim) para os mecanismos que as fazem serem perpetuadas e assimiladas por determinados grupos, ou, em outros termos, os rituais que constituem e adensam a vida intelectual (BARBOSA, 2015, p.3). Convertem-se, neste caso, em centros de atenções os concursos, debates e disputas de pressuposições que exigem recursos especificamente intelectuais e que são os recursos sociais específicos das redes intelectuais (BARBOSA, 2015, p.4).

Os intelectuais, enquanto grupo que possui uma autonomia específica e relativa em relação ao restante da sociedade, seriam distintos de outros grupos não apenas em função dos debates sobre os temas que emergem dentro do contexto de certas conjunturas específicas, mas também em função da singularidade dos dispositivos legitimadores, mecanismos sociológicos, de determinados grupos intelectuais objetivados nas redes e nos seus rituais específicos (BARBOSA, 2015, p.4)

O que a perspectiva de Randall Collins privilegia são os grupos de pensadores, as cadeias de contatos e interação na rede, as rivalidades entre segmentos das comunidades argumentativas e as IRs que permitem que determinadas ideias sejam incorporadas, transmitidas, aceitas e reformuladas. Os grupos e as cadeias possuiriam duas dimensões: uma interior (ou seja, os

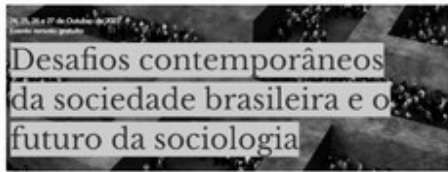


membros dos grupos intelectuais reúnem-se com suficiente frequência e perpetuam intensos intercâmbios de IRs nos quais se fixam “*ideas-emblema*”, identidades e energias emocionais) e a outra exterior (que estaria associada ao fato de que as cadeias e redes não são senão um modo de referirmos as conexões distantes entre situações) (BARBOSA, 2015, p.6)

A vida intelectual ocorre sobre situações face a face por que os rituais de interação só ocorrem neste nível. Os objetos sagrados dos intelectuais só podem ser criados e sustentados se existirem reuniões cerimoniais sujeitas a estes cultos. Este é o papel que desempenham as conferências, falas, debates e discussões: reúnem a comunidade intelectual, concentram a atenção de seus membros em um objeto comum que só a eles pertencem e criam emoções específicas em torno destes objetos (BARBOSA, 2015, p.9-10).

Os intelectuais como comunidade especificamente orientada para a escrita, que vive para a produção e transmissão de textos, só podem chegar a existir com a existência de uma estrutura de distribuição de textos. Suas ideias de verdade e sabedoria são objetos sagrados centrais de tal estrutura. Os atos intelectuais do presente – conferências, debates, discussões – se desenvolvem tendo como pano de fundo os textos passados, ora construídos a partir deles, ora criticando-os. Os intelectuais são particularmente conscientes de seus predecessores e seus próprios produtos vão dirigidos a um público invisível. Quando a conferência é realizada para um grupo de alunos, discípulos ou colegas, a mensagem forma implicitamente parte de uma cadeia amparada, que será repetida, discutida e aumentará repetidamente no futuro (BARBOSA, 2015, p.10)

As instituições são objetos sagrados justamente neste sentido: são padrões reificados de interação no cotidiano, cognitivamente elevados ao nível do meramente



representado e tratado como se fossem entidades autossuficientes as quais devem adaptar-se os indivíduos (BARBOSA, 2015, p.11)

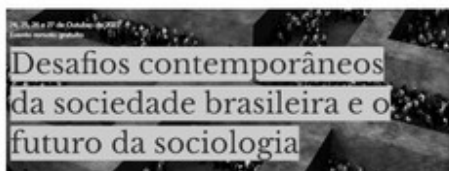
A CRI's dos intelectuais é uma noção que permite apreendermos as especificidades e singularidades dos intelectuais além de possibilitar a compreensão de suas dimensões macro e relacionais. Em toda CRI's é imprescindível à articulação de três dimensões: capital cultural, energia emocional as estruturas reticulares estratificadas (BARBOSA, 2015, p.11)

O campo intelectual é traduzido por ser uma conversação gigantesca que põe em circulação o capital cultural por meio de rituais *face a face* de caráter intermitente e também mediante a circulação de seus escritos. O capital cultural é tido como o repertório de possibilidades adquiridas nos rituais de construção e legitimação da posição de cada intelectual dentro do campo (BARBOSA, 2015, p.11-12).

Os intelectuais mais proeminentes e que se destacam em determinada área geralmente são os intelectuais mais citados, onde suas ideias são progenitoras de uma maior descendência, ou seja, suas ideias tornam possível que outras pessoas realizem suas próprias afirmações (BARBOSA, 2015, p.12).

Outra dimensão utilizada para explicar o engajamento e ímpeto fornecido pela interação e participação dos intelectuais em sua comunidade é o de energia emocional (EE). Este conceito, embora impreciso, é utilizado pelo autor para explicar como se processa a criatividade intelectual. Segundo ele, Durkheim teria chamado esta energia de força moral, a corrente de entusiasmo que torna possível que os indivíduos envolvidos em determinados rituais levem a cabo atos heróicos de fervor e de sacrifício (BARBOSA, 2015, p.12).

A energia emocional carrega os indivíduos como se fossem baterias elétricas. Mesmo que se encontrem distantes da presença do grupo, ela proporciona um grau correspondente de entusiasmo em face dos fins



simbólicos ritualmente criados. Grande parte do que consideramos como personalidade individual é justamente o grau pelas quais as pessoas têm levado a energia emocional nos intensos rituais de interação (BARBOSA, 2015, p.12).

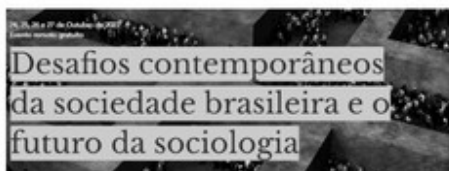
O terceiro componente das CRI intelectuais são as estruturas reticulares estratificadas, ou redes, que fornecem o entendimento do alcance de ideias e determinados estilos de pensamento. Logo, as estratégias para conseguir um maior número de ouvintes e/ou adeptos são fundamentais para o entendimento da formação de determinada escola de pensamento, assim como a posição ocupada por determinados intelectuais dentro deste campo. Os mecanismos principais para tal feito seriam a formação de polêmicas e a criação de linhagens (BARBOSA, 2015, p.14).

Com essas informações sobre todas as conexões, podemos traçar um diagrama da rede. Este será estruturado em várias dimensões: verticalmente, através do tempo e de uma geração a subsequente; horizontalmente, entre os contemporâneos que foram colegas e aliados, e também entre os rivais que se atacaram mutuamente em relação a questões intelectuais. Sugere que normalmente encontraremos um padrão de conexões pessoais próximas entre os pensadores mais importantes (ou seja, os que ocupam os postos superiores da classificação segundo o método apontado acima (BARBOSA, 2015, p.16-17)

RESULTADOS PRELIMINARES

Como Burgos (2018, p.159) coloca sobre Mannheim², considero que a volta a Ibarê Dantas é importante para pensarmos os rumos da sociedade sergipana também.

² “Para nós sociólogos, a volta a Mannheim é sempre obrigatória na medida em que sua obra nos adverte para a responsabilidade desse ofício com as grandes questões de nosso tempo, e com os destinos da humanidade e de cada sociedade em particular, mas também para a potência da sociologia como fonte de desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias sociais que auxiliem as sociedades democráticas” (BURGOS, 2018, p.159).



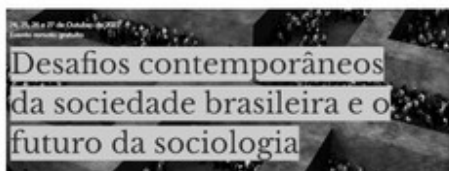
Conforme as perspectivas sobre autoria de Foucault (2011), considero Ibarê um autor por entender que ele escreveu mais que livros, mas teorias ou tradições de uma disciplina em que outros livros e autores, já têm o seu lugar. Responsável pelo aprimoramento e consolidação dos estudos de historiografia e sociologia política em Sergipe e ao empreender suas marcas a estes. Em consonância com Calvino (1993, p. 14-15), segundo o qual, para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, “caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal”. O autor aqui estudado figura como notório autor de estudos sobre política e sociedade do ponto de vista acadêmico.

Ingressou na graduação na Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1965, cursando Direito e percebendo sua falta de interesse neste curso, depois de dois anos, optou pela graduação em História. Foi fundador do DCS (Departamento de Ciências Sociais) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, que posteriormente se transformou em Mestrado e Doutorado em Sociologia.

Ministrou uma disciplina de Sociologia do Desenvolvimento para os cursos de graduação da UFS entre 1976/77. Lecionou em grande medida disciplinas de política, como: Política I - 1981.2, 1989, 1991/2, 1992. 1993.1; Política II- 1980/88, 1990, 1991.2, 1993.2; Política III- 1992.1 e 1994.1; Política VI - 1992.2 e 1994.1; Política VII- 1993.2. Em maio de 2010, recebeu o Título de Doutor *Honoris Causa* pela UFS. “Pela trajetória intelectual e acadêmica em prol do desenvolvimento das ciências humanas, sociais e históricas de Sergipe”, conforme Resolução CONSU- 12/2010.

Quanto à peculiaridade de sua extensa produção acerca de Sergipe, isso o torna referência obrigatória para quem estuda o nosso estado, mas não diminui sua importância nas ciências sociais do Brasil, Nascimento (2012b), enfatiza que

A opção de pesquisar e de escrever sobre Sergipe fez dele, necessariamente, um intelectual provinciano- sem sentido negativo. Caso tivesse escrito sobre São Paulo, por exemplo, seria um autor nacional, dadas a qualidade e a quantidade dos seus trabalhos. Em grande parte de sua obra, buscou relativizar objetos abordados pela historiografia paulista. Também por isso, ter Sergipe como objeto não o ajudou a tornar-se um autor nacional – a despeito da repercussão de alguns dos seus trabalhos. Não é um intelectual póstumo, mas sua obra ainda não foi suficientemente lida e trabalhada por seus conterrâneos.



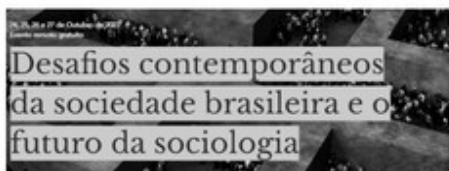
Ele abriu muitas pistas e muitas frentes de pesquisa que só serão trabalhadas pelas novas gerações de historiadores e de cientistas sociais. Isso faz de sua obra, a meu ver, uma passagem incontornável para quem queira conhecer a política no século passado, o que o torna um autor para o século XXI.

Para Nascimento (2012b), é com Ibarê, que a Historiografia Política é realmente construída, ganhando status de campo científico em Sergipe. Da mesma maneira, é também o fundador da Ciência Política sergipana. Antes dele, o nome pioneiro é o de Bonifácio Fortes, como ele próprio observou em artigo. No que diz respeito às suas preferências teóricas

Afora o primeiro livro sobre o tenentismo, em que não parece fazer opção teórica, em todos os demais Ibarê diz compartilhar dos conceitos de política propostos por Gramsci, notadamente a sua teoria da hegemonia. Entendo, entretanto, que a sua definição gramsciana virá, de verdade, a partir do terceiro livro. O segundo tem, a meu ver, uma forte influência do marxismo estruturalista de Althusser e de Poulantzas – os quais se dizem, aliás, seguidores de Gramsci também (NASCIMENTO, 2012b).

Este estudo se debruça sobre livros e conceitos como os já citados e o contexto de produção desses. Entrevistas que outros fizeram, algumas conversas que já tive com ele, assim como textos de palestras, artigos, entrevistas, conferências e depoimentos, seja os já publicados, seja os gentilmente cedidos por ele. Buscando a compreensão da recepção e dos usos da obra de Ibarê no campo das ciências sociais brasileiras e como ele contribuiu, a partir de seus trabalhos construídos a partir dos horizontes teóricos e empíricos das ciências sociais e de suas atividades acadêmicas, para o desenvolvimento dessas ciências em Sergipe.

Na primeira edição de seu ensaio sobre Coronelismo utiliza autores como Victor Nunes Leal, Maria Isaura Pereira de Queiroz, José de Souza Martins, Décio Saes, Raymundo Faoro, Marcos Vilaça, além de Bonifácio Fortes. Silva (2010) empreende aqui um esforço eminentemente histórico sobre o estudo do coronelismo na historiográfica e teoria social brasileiras circunscrito às limitações de um trabalho de conclusão de curso de graduação relacionando o que havia nesses dois âmbitos à primeira edição de Coronelismo e Dominação.



Já Santos (2003), também na história faz uma síntese dos livros de Ibarê até 2003, basicamente o livro sobre eleições em Sergipe e acrescenta entrevistas e artigos de jornais ao seu trabalho de conclusão de curso, mas não faz uma sociologia da ciência, do conhecimento ou algo parecido, como m proponho a fazer aqui.

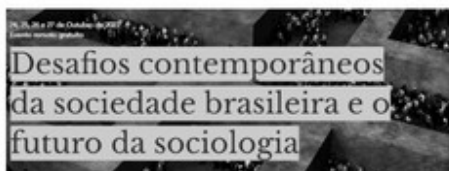
Buscamos as Gerações, as Correntes e/ou os autores de uma história das idéias políticas de Sergipe antes e depois de Ibarê, bem como uma revisão sobre o que há de ciências sociais em Sergipe e sobre a história política de Sergipe, modelos teóricos e metodológicos até então utilizados - quais as escolhas teóricas, os interesses políticos, as disputas compreendendo a produção da historiografia como narrativas ligadas a um conjunto de relações de poder não diretamente perceptíveis como elas se manifestam à luz dessas narrativas, mas imbricadas a ela. Para Sousa (2013, p.13) é impossível começar qualquer debate sobre a historiografia de Sergipe sem mencionar o texto “*Introdução ao estudo da Historiografia a sergipana*” de José Calasans Brandão da Silva, de 1973. Ibarê confessa predileção por autores como Alexis de Tocqueville, Franz Neumann, Hannah Arendt, Max Weber e Jurgen Habermas

Quem foram os professores, os autores e as influências em história, sociologia, sociologia política e ciência Política, importantes para ele, suas afinidades políticas, bem como sua participação no debate político³? Segundo ele, Silvério Fontes⁴ fora um católico de esquerda “a pessoa com cultura mais vasta”, autodidata em filosofia formado em direito na Bahia, “um homem coerente”. Foi professor de Administração e Direito Internacional. Além de seu professor também o foi de Terezinha Alves de Oliva e Francisco José Alves. Ibarê empreendeu o trabalho de estruturação das ciências sociais em Sergipe⁵, como Silvério o fez com a história, lutando por uma pós-graduação e trazendo grandes nomes para Aracaju.

³ DANTAS, Ibarê. Palestra no IHGSE: *Lembranças de tempos sombrios*. IV Congresso da ANPUH. Aracaju, 24.10.2014. Nessa palestra o autor detalha seus posicionamentos como intelectual ativamente inserido nos acontecimentos da universidade e da sociedade civil sergipanas durante o regime militar.

⁴ “Professor e historiador das coisas da terra”, cf. Freitas (2007, p.112).

⁵ Sobre isso ver DANTAS, Ibarê. O NPPCS, uma experiência interdisciplinar in: IX Semana de Ciências Sociais Memória e contemporaneidade em Sergipe Depto Ciências Sociais de UFS, 22.11.2019.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Samuel Medeiros de. **Felisbelo, Thetis e Ibarê**: contribuições aos estudos de história da historiografia. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2021, p. 108-136.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019. ISSN0102-6801

BARBOSA, Ivan Fontes. Considerações sobre as dimensões políticas do conhecimento em Karl Mannheim. **LATITUDE**, Maceió/UFAL, v. 13, n.1, p.57-79, jan./jul. 2019.

BARBOSA, Ivan Fontes. Ibarê Dantas e as Ciências Sociais em Sergipe. *Jornal do Dia*, <http://www.jornaldodiase.com.br>, 29 abr. 2020.

BARBOSA, Ivan Fontes. Contribuições de Randall Collins a sociologia do conhecimento. In: 17o. Congresso Brasileiro de Sociologia, 2015, Porto Alegre. *Sociologia em diálogos transnacionais*, 2015.

BERTELLI, Antonio R.; PALMEIRA, Moacir G. S.; VELHO, Otávio G (Org.). **Sociologia do Conhecimento** – Mannheim, Merton e Wright Mills. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

BOBBIO, Norberto, et. AL. *Dicionário de Política*. Tradução: João Ferreira. Brasília-DF: Editora UNB, 4ª Ed., 1992.

BOMENY, Helena & BIRMAN, Patrícia (Org.). **As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil**. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ/Relume-Dumará. 1991.

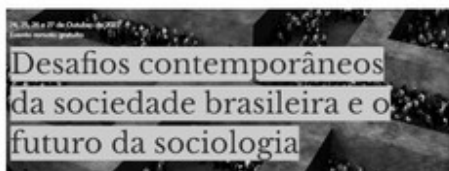
BOTTOMORE, Tom & OUTHWAITE, William (Orgs.). **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BURGOS, Marcelo Tadeu Baumann. Karl Mannheim (1893-1947). In: TELLES, Sarah; OLIVEIRA, Solange Luçan de (Organizadores). **Os sociólogos – de Auguste Comte a Gilles Lipovetski**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p.138-162.

CALVINO, Ítalo. 1993. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nelson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. p. 9-16.

CASTRO FARIA, Luiz de Castro. **Oliveira Vianna: de Saquarema à Alameda São**



Boaventura, 41 - Niterói: o autor, os livros, a obra. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ. 2002.

DANTAS, Ibarê. Depoentes do Tenentismo. **Revista do Instituto histórico e geográfico de Sergipe**, n.47, vol.1, pp.105-115, 2017a.

DANTAS, Ibarê. Marcelo Déda e o IHGSE. **Revista do Instituto histórico e geográfico de Sergipe**, n.45, vol.2, pp.123-134, 2015.

DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE 1912-2012**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.

DANTAS, Ibarê. História Oral e política: diálogo com depoentes. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.4, n. 7, out.2010-abr, 2011.

DANTAS, Ibarê. **Florentino Teles de Menezes – o sociólogo pioneiro (07.11.1886-20.11.1959)**. Aracaju: 2009a.

DANTAS, Ibarê. José Silvério Leite Fontes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n.35, pp.295-308, 2006.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe República (1889 – 2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. **Eleições em Sergipe (1985-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DANTAS, Ibarê. Reforma do Estado, Federalismo e Municipalização. In: LIMA, José Fernandes & NASCIMENTO, Afonso (Org.). **Pensar Sergipe**. São Cristóvão: UFS, 1999, p.229-243.

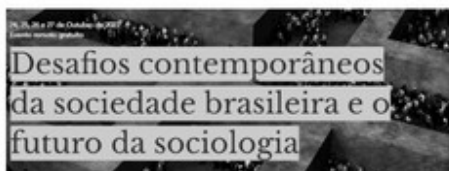
DANTAS, Ibarê. **A Tutela Militar em Sergipe (1964-1984)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. Aracaju: UFS/Diplomata, 1987.

DANTAS, Ibarê. **A Revolução de 1930 em Sergipe: dos Tenentes aos coronéis**. São Paulo: Cortez, 1983.

DANTAS, Ibarê. **O tenentismo em Sergipe (Da revolta de 1924 à Revolução de 1930)**. Petrópolis: Vozes, 1974.



DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 1986. Rio de Janeiro, FGV/MEC.

FOUCAULT, Michel. 2011. “O que é um autor?”. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). **O que é um autor?** Duas traduções para o português. Belo horizonte: FALÉ/UFMG, p.82-117.

FOUCAULT, Michel et. al. Sobre a arqueologia das ciências. In: FOUCAULT, Michel. **Estruturalismo e teoria da linguagem**. Petropolis, Vozes, 1971, p.9-55.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2007.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913/1999**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

GONZALEZ, Horácio. **O que são intelectuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEAL, Nunes Victor. 1997. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MACHADO NETO, Antonio Luis. **Formação e temática da sociologia do conhecimento**. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1979.

MAIA, João Marcelo. Pensamento brasileiro e teoria social – Notas para uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 24, n.71, outubro/2009.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª edição, 1976.

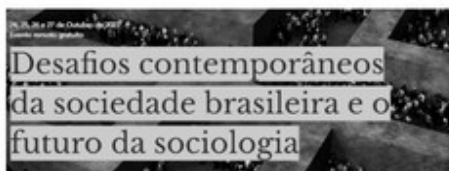
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAZUCATO, Thiago. **Ideologia e utopia de Karl Mannheim: o autor e a obra**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MICELI, Sérgio. Intelectuais Brasileiros. In: MICELI, Sérgio (Org.). **O Que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. História das Ciências Sociais e Sociologia dos Intelectuais: uma entrevista com Adelia Maria Miglievich-Ribeiro. Entrevista concedida a Cristiano das Neves Bodart e Kamile Ramos Torres. Piauí. Realizada em 2016. p. 67-71.

MONTEIRO, Claudefranklin. Ibarê Dantas – Dr. Honoris Causa, 2010. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/viz_conteudo.asp?codigo=8520108351161101 .Acessado em: 05/03/2012.



NASCIMENTO, Afonso. Ibarê Dantas e a política sergipana (I),2012. Disponível em: <http://www.ufs.br/conteudo/ibar-dantas-pol-tica-sergipana-i-4889.html> .Acessado em 02/03/2012.

NASCIMENTO, Afonso. Ibarê Dantas e a política sergipana,2012. Disponível em: <http://www.ufs.br/conteudo/ibar-dantas-pol-tica-sergipana-ii-4913.html> Acessado em: 02/03/2012

OUTHWAITE, W. **Dicionário do pensamento social do séc. XX**. RJ: Jorge Zahar, 1996.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil - entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

RÉMOND, René (org.). 2003. **Por uma História Política**. RJ: Editora FGV. Tradução de Dora Rocha.

RUGAI BASTOS, Elide; BOTELHO, André. **Para uma sociologia dos intelectuais. Dados – Revista de Ciências Sociais**, vol. 53, núm.4. 2010. pp.889-919.

SANTOS, Jose Joilton Andre. **Ibarê Dantas: um ícone da historiografia política de Sergipe**. 2004. 103 f. Monografia (Licenciatura em Historia) - Departamento de Historia, Centro de Educacao e Ciencias Humanas, Universidade Federal de Sergipe. Documento sergipano.

SANTOS, Mayara Monteiro. 2012. Vida e Obras de Ibarê Dantas. In: <https://mayaramonteiro.blogspot.com/2012/03/vida-obras-de-ibare-dantas.html>, Acesso em 23/10/2020

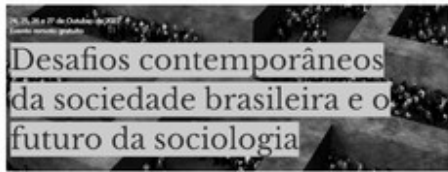
SELL, Carlos Eduardo & MARTINS, Carlos Benedito (Orgs.). 2017. **Teoria Sociológica Contemporânea**. São Paulo: SBS/Annablume, 1ª Ed. p.17-18.

SELL, Carlos Eduardo. 2006. **Introdução à SOCIOLOGIA POLÍTICA – Política e Sociedade na Modernidade Tardia**. Petrópolis – RJ: Vozes.

SILVA, Jaqueline Vieira da.O Poder das Oligarquias no Nordeste e a Formação do Coronelismo de 1889-1930 na obra ‘Coronelismo e Dominação’ de Ibarê Dantas.2010. 51f. Monografia (Licenciatura em História) – Faculdade José Augusto Vieira, Fundação José Augusto Vieira.

SILVA, Benedicto (Coordenação Geral). 1986. **DICIONÁRIO de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação e Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol.2.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. **História e Historiografia Sergipana**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2013.



SOUZA, Fábio Silva. A recepção das ciências sociais no Brasil. In: Cadernos de resumo. GT Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia. 2018.

VELHO, Otávio G., BERTELLI, Antonio R., PALMEIRA, Moacir (Org's). **Sociologia do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.